

O concelho de Chaves desenvolve-se ao longo do vale do rio Tâmega.

Na flora, a característica marcante da região é a abundante diversidade de vegetação profundamente relacionada com a ocupação humana e a sua atividade. Os bosques de folhosas são a base ancestral da vegetação local, com inúmeras espécies companheiras, arbustivas e herbáceas.

As composições arbóreas de carvalhos, castanheiros e pinheiros, são das que mais relevo ganham neste conjunto. Associadas a estas massas florestais de influência atlântica e eurosiberiana, é exequível encontrar espécies como o abrunheiro (*Prunus spinosa*), o escambrunheiro, pirliteiro (*Crataegus monogyna*) ou o azevinho (*Ilex aquifolium*).

Os carvalhais são bosques muito diversificados, onde embora domine o carvalho existe um grande número de outras espécies de árvores e arbustos como, o zangarinho (*frangula alnus*), lamagueira (*sorbus aucuparia*), o vidoeiro (*Betula celtibérica*), os mirtilos ou arandos (*Vaccinium myrtillus*), cujas bagas são aproveitadas para compotas e as folhas para chá.

Outra espécie de grande valia ecológica é a pereira brava (*Pyrus piraster*), espécie rara, fundamental no regime alimentar de várias espécies de fauna. Em locais de maior influência mediterrânica surgem as matas dominadas pelo sobreiro (*Quercus suber*) e pela azinheira ou carrasco (*Quercus ilex*). A oliveira (*Olea europae*) é um dos sustentáculos da economia agrícola da região constituindo uma das imagens de marca da paisagem local. O medronheiro (*Arbutus unedo*), o rosmaninho (*Lavandula stoechas* subsp. *pedunculata*) e a esteva (*Cistus ladanifer*), são dos arbustos mais apreciados pelas espécies melíferas.

Nas margens dos rios e ribeiros dominam espécies como o olmo ou negrilho (*Ulmus procera*), o salgueiro (*Salix atrocinera* e *Salix salvifolia*), o loureiro (*Laurus nobilis*) e a aveleira brava (*Coryllus avellana*).

Relativamente à fauna, os estudos nesta área são praticamente inexistentes. Apenas se sabe que a região é um dos principais focos do país em concentração de espécies raras de borboletas.

Na classe dos invertebrados é de referir a presença da lesma da espécie (*Geomalacus, maculosus*) da cabra-loira (*Lucanus cervus*) e do mexilhão-de-água-doce (*Margaretifera margaretifera*).

Em relação aos vertebrados, a elevada riqueza nesta região deve-se essencialmente a dois factores: à diversidade e grau de conservação dos habitats e à convergência nesta região de zonas de forte influência atlântica e de influência mediterrânica, dando origem a várias espécies características destas duas zonas biogeográficas, situação única a nível nacional e rara a nível ibérico. A marta (*Martes martes*), o arminho (*Mustela erminea*), o picanço-de-dorso-vermelho (*Lanius collurio*), são alguns exemplos destas espécies.

As aves, além do grande número de espécies nidificantes (residentes ou estivais) e de invernantes, encontram aqui um importante corredor migratório, encontrando na região um local de repouso e alimentação.

No que concerne às raças autóctones é de realçar que as populações rurais sempre tiraram proveito da agro-pecuária, como principal manancial de riqueza e de subsistência. Como exemplos destas raças autóctones podemos referir o cavalo de raça luso-galega (Garrana), os caprinos (*Capra hircus*) das raças Bravia e a Serrana Transmontana, e os ovinos (*Ovis Aries*) das raças Bordaleira de Entre Douro e Minho, Charrua da Terra Quente e a Galega Bragançana. Na classe dos bovinos sobrevivem três raças autóctones: a Barrosã, a Maronesa e a Mirandesa. O porco (*Sus domestica*), representado pela raça autóctone Bísaro, foi e ainda é um animal de extrema importância cultural e económica, tendo constituído, durante séculos, a única carne capaz de ser conservada e consumida ao longo do ano, dando origem ao famoso “fumeiro” transmontano.